

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ESCREVER FILMAR – ESCRITORES NO CINEMA
21 de maio de 2021

DECONSTRUCTING HARRY / 1997 (*As Faces de Harry*)

um filme de Woody Allen

Realização e Argumento: Woody Allen / **Fotografia:** Carlo di Palma / **Direção Artística:** Santo Loquasto / **Montagem:** Susan E. Morse / **Intérpretes** (por ordem alfabética): Woody Allen (Harry Block), Kirstie Alley (Joan), Bob Balaban (Richard), Richard Benjamin (Ken), Eric Bogosian (Burt), Billy Crystal (Larry), Judy Davis (Lucy), Mariel Hemingway (Beth Kramer), Amy Irving (Jane), Julie Kavner (Grace), Demi Moore (Helen), Dan Moran (o diabo), Gene Saks (o pai de Harry), Elizabeth Shue (Fay), Robin Williams (Mel).

Produção: Jack Rollins, Charles H. Jaffe, Letty Aronson / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, cor, legendada em português, 93 minutos / **Estreia Mundial:** Setembro de 1997 / **Estreia em Portugal:** Alfa, Amoreiras, Mundial, Quarteto, Colombo, em 30 de Janeiro de 1998.

Numa conhecida peça de Pirandello oito personagens andam em busca do seu autor. No cinema de Woody Allen tal problema não se coloca: os personagens coabitam com o seu autor, assombram-no e acabam por influenciar e mudar a sua vida. Este processo é comum a quase todos os seus filmes, mas nalguns ele afirma-se de forma mais sugestiva. Se é nas comédias "autocríticas" que ele é mais evidente (ajudado pelo narcisismo do autor), **Deconstructing Harry** aparece como que a súmula desse processo. Se o cinema de Allen é um cinema autobiográfico, ou melhor, se ele representa uma permanente e evolutiva auto-análise (o que facilmente se comprova acompanhando os filmes que escreveu e dirigiu com a sua "biografia"), os mais recentes trabalhos manifestam uma liberdade criativa e uma inventiva que evocam a melhor fase da sua carreira, a que foi de **Annie Hall** a **The Purple Rose of Cairo**, acrescida da veia sarcástica e do humor "absurdo" da primeira fase (**Take the Money and Run**, **Love and Death**). **Bullets Over Broadway**, **Everyone Says I Love You** e principalmente **Deconstructing Harry** encenam personagens marcados pelas mesmas psicoses e angústias mas que decididamente não estão interessados em levar a sério esses "complexos" (como se se tratasse, para Woody Allen, da superação de um síndrome "Mia Farrow") e à semelhança dos personagens anteriores (**Annie Hall**, **Manhattan**, etc) os "explorasse" e vivesse "à custa" deles: a neurose como processo criativo não é novidade nenhuma, mas Woody Allen tornou-se mestre no esquema.

Como Antoine de Baecque refere, este Harry é pois "mais um Woody", personagem que o realizador tem desenvolvido (com outros nomes) ao longo de quase todos os

filmes, como seu "alter ego". Mas é também o mais "completo", o mais "cheio". E o seu processo criativo acompanha essa evolução e essa ideia de totalidade para que parece tender a sua obra. **Deconstructing Harry** é o mais completo Woody Allen tanto nos temas que desenvolve como pela forma como os encena. No primeiro caso o filme parece surgir intencionalmente como a súpula da sua obra (como já atrás referimos). Quem a conhece identifica facilmente muitas das auto-citações, mas duas obras se impõem em particular: **Midsummernight's Sex Comedy** e **Stardust Memories**. Aliás o primeiro é presença constante na sequência da casa de campo numa das "fantasias" sonhadas por Harry, inclusivé com os jogos sexuais que lá têm lugar. O segundo é o "complemento" necessário de **Deconstructing Harry**, a primeira auto-reflexão criativa do autor. O progresso de **Deconstructing Harry** em relação a **Stardust Memories** consiste na superação do "complexo" Fellini. **Deconstructing Harry** já não se filia em qualquer outro cineasta, é uma obra totalmente marcada pela personalidade de Allen. Já não é Fellini (ou Bergman) que ele "cita", é a si próprio que vai buscar os temas e as imagens para reflectir e/ou ironizar. Ou quando é, é essencialmente de uma forma paródica (a "viagem" ao Inferno é um momento irresistível de irrisão, em que "goza" com uma série de classes sociais e profissões, com a mesma provocação venenosa de Rowan Atkinson num espectáculo famoso que encenava "viagem" semelhante). Assim como é no que diz respeito à técnica, com a narração "fragmentada", e a referência aberta às técnicas narrativas, com Allen fizera já em **Zelig** e **The Purple Rose of Cairo**. Neste caso são paradigmáticas as sequências de abertura e encerramento, com as constantes "repetições" que retomam o recomeço da cena (a saída do taxi de Lucy/Judy Davis ao começo, Harry retomando a escrita e colocando papel na máquina, cenas "decupadas" numa série de falsos racords), mas também a forma como as "criações" de Harry vêm progressivamente povoar o seu mundo real.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico